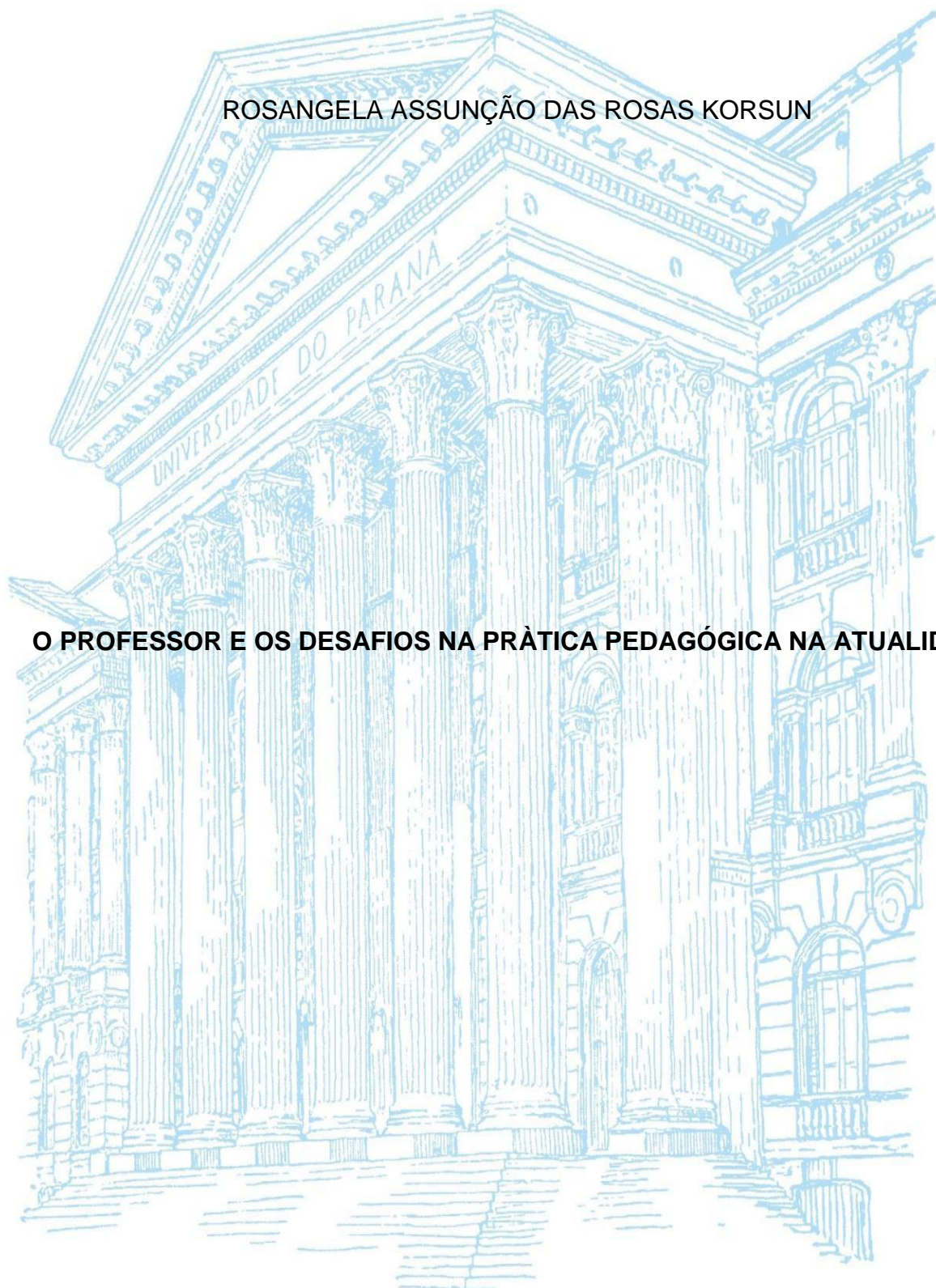


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ROSANGELA ASSUNÇÃO DAS ROSAS KORSUN



O PROFESSOR E OS DESAFIOS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA NA ATUALIDADE

MATINHOS

2017

ROSANGELA ASSUNÇÃO DAS ROSAS KORSUN

O PROFESSOR E OS DESAFIOS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA NA ATUALIDADE

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista, Curso de Especialização em Questão Social na Perspectiva Interdisciplinar Setor de litoral Universidade Federal do Paraná.

Professor orientador: Almir Carlos Andrade

MATINHOS

2017

TERMO DE APROVAÇÃO

ROSANGELA ASSUNÇÃO DAS ROSAS KORSUN

MAPEAMENTO DE COMPETÊNCIAS DOS BIBLIOTECÁRIOS DO SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Monografia aprovada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista,
Curso: Questão Social na perspectiva Interdisciplinar Setor de pós-graduação,
Universidade Federal do Paraná. Universidade Federal do Paraná, pela seguinte
banca examinadora:

Prof. Almir Carlos Andrade

Orientador – Departamento de coordenação especialização
em questão social

Prof.

Departamento de

Prof.

Departamento de

Prof.

Departamento de

MATINHOS, 25 de novembro de 2017.

Dedico a presente monografia a todos os professores do curso, ao orientador do trabalho, aos familiares, amigos e a todos que de certa forma contribuíram para a realização deste projeto.

AGRADECIMENTOS

Á Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades. E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

“Diga-me e eu esquecerei, ensina-me e eu poderei lembrar, envolva-me e eu aprenderei.”

Benjamim Franklin

RESUMO

O presente artigo parte de algumas observações realizadas em três escolas da rede Municipal de Ensino de Matinhos. Nas quais o objetivo foi observar as interações verbais entre professor e aluno na sala de aula, as dificuldades enfrentadas pelo professor a lidar com os desafios do ensinar em tempos atuais e a resistência que este muitas vezes enfrenta de seus colegas docentes as novas práticas pedagógicas.

Como referencial teórico para análise das interações foi empregado um questionário a categoria.

Conclui se que na atuação do professor como mediador da construção de conhecimento em sala de aula é primordial possibilitar espaço para diálogo e clareza entre professores e suas secretarias, melhor capacitação aos professores e um olhar mais aprofundado a saúde mental destes, afim de que o resultado seja promover aprendizagens significativas aos alunos.

Pois uma vez que a maneira que o professor lida com os alunos e expressa suas emoções, dê modo acolhedor ou não pode deixar marcas positivas e negativas que acompanharão o sujeito e poderá influenciar sua conduta e futuro desempenho escolar.

Palavra- chave: Afetividade, Educação, Ética.

ABSTRACT

This article is based on some observations made in three schools of the Matinhos PR Teaching Municipal Network. In this study the verbal interactions between teacher and student in the classroom were observed, the difficulties faced by the teacher in dealing with the challenges of teaching in the present times and the resistance that this often faces of its teaching colleagues the new pedagogical practices. This thesis investigated the possibility of educating under the principles of ethical alterity, - the opening of a space in the educational experience that offers the approximation to the other, and the respect to the diverse one.

A questionnaire was used as a theoretical reference for the analysis of the interactions.

It is concluded that in the teacher's role as mediator of the construction of knowledge in the classroom it is essential to provide space for dialogue and clarity between teachers and their secretaries, better training of teachers and a deeper look at their mental health, so that the result to promote meaningful learning for students.

For since the way the teacher deals with the students and expresses their emotions, it gives a welcoming way or cannot leave positive and negative marks that will accompany the subject and may influence his conduct and future school performance.

Key words: Affectivity, Education, Ethics.

SUMARIO

1- INTRODUÇÃO.....	10
2- AFETIVIDADES E EDUCAÇÃO.....	11
3- RELAÇÕES PROFESSOR-ALUNO.....	12
4-RELAÇÃO ALUNO-APRENDIZAGEM.....	13
5-RELAÇÃO PROFESSOR-PROFESSOR.....	15
6-RELATO PESSOAL.....	17
8 – CONCLUSÃO.....	21
9– REFERENCIAS.....	22

1- INTRODUÇÃO

Nossa inquietação está relacionada em verificar como professores influenciam no desenvolvimento e na aprendizagem dos alunos. O presente trabalho relata a afetividade e o desenvolvimento da criança através desse meio; a relevância da escola dentro deste contexto; a importância da participação da família para o desenvolvimento da criança, tanto cognitivo quanto afetivo. Ressalta a relação professor-aluno no processo de ensino aprendizagem, bem como deve ser a participação do educador nas diversas situações vivenciadas no dia-a-dia; mostra como funciona o desenvolvimento do processo cognitivo dentro do processo da afetividade,

As atividades lúdicas se trabalhadas corretamente, proporcionam condições adequadas ao desenvolvimento físico, motor, emocional cognitivo e social. São lúdicas as atividades que propiciam as experiências completa do momento, associando o ato, pensamento e o sentimento. A criança se expressa assimila conhecimentos e constrói sua realidade quando esta praticando alguma atividade cercada de afetividade. A criança é automotiva para qualquer prática, principalmente a lúdica.

2-AFETIVIDADES E EDUCAÇÃO

Educar exige respeito aos saberes dos educandos. Respeito á uma dimensão do afeto. (Freire, 1999:33-34)

A afetividade é de suma importância na educação, para uma escola construída a partir do respeito, compreensão e autonomia de ideias.

A afetividade tem grande função no processo de desenvolvimento da personalidade de uma criança, e é formada a partir da ação do meio social em que se está inserida, pois assim como a inteligência ela é construída ao longo de uma história podendo se modificar de um período a outro.

Através da afetividade na Educação é possível ir além do ensino tradicional em busca de relações concretas que auxiliam a aprendizagem da criança, uma vez que ela não possui capacidade de abstração que permita um ensino mais conteudista. É fundamental abordar que a relação pedagógica deve nortear a relação afetiva que terá influencia no desenvolvimento do aluno, tendo em vista diferenças individuais e comportamentais inerentes ao ser humano.

3- RELAÇÕES PROFESSOR-ALUNO

Quantos de nós não ouvimos o questionamento: O que é educar? A Educação não se aprende por uma determinada instituição ou muito menos existe uma fórmula mágica para o ato de “EDUCAR”. Somos educados desde o momento do nascimento, quando o bebê chora a mãe o amamenta ele aprende que sempre que chorar alguém atenderá suas necessidades, quando aprende a sentar dificilmente alguém irá conseguir manter o deitado, quando aprende a andar dificilmente se sujeitará a ficar parado e assim ao longo da vida em todos os momentos estamos abertos a aprender.

No cotidiano escolar não é diferente estamos todo o tempo aprendendo e ensinando algo, não só no que diz respeito a conteúdos, mas todos os aspectos.

Como comportamental afetivo ou de interação com o outro e com o mundo. O aluno vê no professor um inspirador, quantos de nós nunca pensamos em um breve momento em ser professor? Quantos de nós enquanto alunos nunca admirou seu professor? Seu jeito de vestir, sua gesticulação? Imaginado ou até brincando de escolinha?

Não nos damos conta, mas ainda somos inspiração de muitos que passam por nós, mas se formos perguntar o motivo nem sempre será a resposta porque o professor passava conteúdos interessantes. Mas sim porque muitos foram afetuosos, amorosos por poder contar com o professor em um momento onde não deveria se contar com mais ninguém.

Um dos desafios mais latentes diz respeito à questão da multietnicidade da convivência plural e democrática e da unidade na diversidade. Os tanto se falam de ética mais a classe docente muitas vezes faltam com esta quando se diz respeito ao “Outro”.

Rotineiramente os assuntos descontraídos no famoso café da sala dos professores tem o mesmo foco: Alunos, pais de alunos, a conduta dos familiares do aluno e por fim o veredicto final... Esse aluno não aprende, não tem jeito, pois o pai foi assim, o irmão foi assim e ele será do mesmo jeito. Muitos profissionais associam a questão financeira do aluno ao seu nível de aprendizagem e por fim acabam se dando por vencidos. Deixam de insistir no aluno por achar que aquele não aprende.

4-RELAÇÃO ALUNO-APRENDIZAGEM

Pois todos estão diretamente ligados ao ensinar, pois todos estão todo o momento aprendendo. Desde a entrada no portão da escola quando alunos são recepcionados pelo porteiro (a), dependendo da maneira que estão sendo recebidos seja com um sorriso, seja com um abraço ou apenas um olhar carregado de amorosidade já é um convite de boas vindas ao ambiente escolar. E quando ocorre o contrário a reação também pode ser a da negação, rejeição aquele ambiente que, Para o aluno ao longo do tempo é visto como um lugar hostil, de avaliação e reprovação. Diariamente dezenas de crianças entram em pânico ao chegar à escola, choram e não querem entrar ou nem sair de casa para ir. Diversos fatores podem estar envolvidos, mas entre eles o mais gritante é falta de afetividade entre o aluno e o professor (a). Pois se este existir, o aluno irá ter confiança de conversar com seu professor (a) e relatar qual o fato que está no momento o afligindo ,seja ele bullying, dificuldades de aprendizagem ou algum fator externo do convívio familiar que está lhe causando este comportamento.

Na sala de aula, o professor encontra aluno com problemas de aprendizagem decorrentes de faltas e falhas, tanto na família quanto na escola. São alunos com dificuldades cognitivas que na maioria das vezes não são decorrentes de fatores físicos, mas afetivos. Segundo Piaget (1988), os aspectos cognitivos e afetivos são inseparáveis, pois não há ação sem motivação e nem motivação sem ação. Todo o aprendizado transita por inúmeros sentimentos, como medo, ansiedade, curiosidade, insegurança, alegria, satisfação, realização.

Uma das condições para que a aprendizagem seja significativa, é que a criança, o aluno, tenha predisposição em aprender, e um local agradável pode auxiliá-lo para que tenha sucesso ou lhe desperte interesse; tanto na escola quanto na vida. Quando o educar dá-se de forma deficiente, em um encaminhamento impróprio, surgem às carências afetivas, as inseguranças, o medo do desconhecido e do abandono que permeiam os fortes indícios de problemas afetivos e que acabam refletindo em sala de aula. As crianças, quando iniciam comportamentos diferentes do esperado, agem para chamar atenção pelos seus atos. A própria educação que se dá entre professores e alunos, quando não aborda a emoção na sala de aula, através da afetividade, trazem prejuízos não só para o professor, mas

também ao aluno. Conforme Vygotsky (2003), os afetos se classificam em positivos e negativos. Os afetos positivos estão relacionados a emoções positivas de alta energia, como o entusiasmo e a excitação, e de baixa energia, como a calma e a tranquilidade. Os afetos negativos, por sua vez, estão ligados às emoções negativas, como a ansiedade, a raiva, a culpa e a tristeza. As emoções e os sentimentos dos alunos não se dissociam no processo ensino-aprendizagem, já que podem favorecer ou não.

O desenvolvimento cognitivo. O ambiente familiar deve ser acolhedor e é necessário na relação afetiva da criança com sua família. O tempo em que a mãe se afasta por um período igual, durante os primeiros cinco anos de vida de seu filho, influenciará o afeto necessário neste período crucial de sua vida e terá consequências desastrosas no futuro. Sentimentos de tristeza em função de perdas ou manifestações de raiva decorrentes de frustração são na maioria das vezes reações afetivas normais e passageiras e não requerem tratamento. Porém, dependendo da intensidade, da persistência e da presença de outros sintomas concomitantes, a tristeza e a irritabilidade podem ser indícios de quadros afetivos em crianças e adolescentes. A própria exclusão social da criança reflete na sua emoção na sala de aula, seja através da expressão ou no comportamento.

Só será possível construir futuro e buscar excelência se formos capazes de conviver, dentro da igualdade, com a diferença das atividades que cada um faz. Fazendo força juntas não olhando o “outro” como estranho. Pois se não olharmos o outro como fonte de conhecimento, independente de onde veio de como ele faz, do modo que ele atua, perde-se uma grande chance de renovação.

5-RELAÇÃO PROFESSOR-PROFESSOR

A relação professor-professor na maioria é de desconfiança, onde muitas vezes não existe espaço para alteridade que é a capacidade de ver o outro como outro, e não como estranho. Onde deveria ser mais vezes praticadas a ética que é antes de tudo a capacidade de protegermos a dignidade da vida coletiva, pois a nossa humanidade é compartilhada. O ser humano é nada mais que ser junto e isso nos obriga a afastar de nós qualquer forma de arrogância. Pois não nascemos prontos, também não somos inéditos, tampouco somos ilhas. Muitos docentes disputam atenções em uma luta sem causa, gratuita. Cegos ao lado de tantos desafios que a educação deve se defrontar: o analfabetismo, a evasão escolar, a educação de jovens e adultos.

Na escola o lugar de cada um, as ordens nas fileiras, às repartições de tarefas, são postos para tornar pessoas mais submissas e para garantir uma melhor economia de tempo e gastos.

Muitos professores ainda não se deram conta do fato que, na medida em que os meios e formas tradicionais de Educação acham-se de tal modo corroídos, começam a serem direcionados para a escola os olhares dos povos, na esperança de que essa exerça uma função educativa e não apenas a da escolarização. E com tudo então será necessária outra visão da escola, dos conteúdos escolares, o que é o papel dos educadores e da relação da escola e sociedade.

As crianças serão enviadas cada vez mais cedo às escolas e nela permanecerão por um tempo mais extenso.

E isso não será porque há um mundo novo a ser processado, e sim porque a escola inevitavelmente o tradicional papel das famílias, das comunidades, da Igreja e ainda o que lhe era próprio: Desenvolver conhecimentos e Habilidades.

Ela deverá se ocupar com a formação integral do ser humano e terá como missão suprema a formação do sujeito.

Contudo para esta demanda muitos ainda não estão cientes a estes fatos e resistem à capacitação e pesquisas que possam auxiliá-los nas práticas pedagógicas.

Os tempos evoluíram e com a chegada da globalização indiretamente o professor ou pedagogo voltou a ser aquele “cuidador”. Mas com uma grande

diferença, a criança tinha sede de aprender, hoje voltamos à mesma função, mas a clientela é outra.

No ensino fundamental muitas vezes nós somos os únicos ainda que passassem a maior parte do dia com essa criança.

Segundo artigo de Mario Sérgio Corte-la ele diz que somos a geração onde os filhos acordam antes que os pais arrumam-se pegam o ônibus e saem, sem muitas vezes nem alimentar se, tudo isso devido à vida moderna.

6-RELATO PESSOAL

A escolha deste tema deu-se devido às inúmeras dificuldades que encontro na área profissional. Principalmente na resistência a melhorias e a inovações a práticas pedagógicas em sala de aula. Mesmo vivendo hoje na era digital, muitos professores e educadores recusam-se a adaptar seu planejamento a esta realidade. Por vezes sentem-se inseguros por ensinar algo que nem eles mesmos sabem ou por achar dar trabalho e não ter um retorno positivo. Não há como professor que está a 20 anos inseridos na escola, não passar por uma reciclagem ou ele mesmo buscar novas formas e técnicas através da internet, livros e cursos. Mas ainda me deparo com a realidade de professores com forte resistência seguindo ainda o modelo tradicional arcaico, fazendo uso de mesmos materiais e metodologias pelas quais há anos são aplicadas na grande sem resultado positivo. A escola ainda segue o modelo de comemorações em datas comemorativas como dias de pais e mães mesmo nos tempos atuais a sociedade vem sofrendo significativas mudanças no sentido do padrão familiar. Simplesmente ignoram o fato de que nem sempre o aluno vem de famílias constituídas por pai e mãe e que muitos são criados por casais homossexuais ou apenas por pai ou mãe ou ainda aqueles que são criados por avós e terceiros, como tios tias e outros membros da família, sendo assim não contemplam a diversidade. Criando assim um extremo desconforto para o aluno sendo esse indiretamente excluído em momentos onde ocorre toda uma mobilização para ensaios e apresentações, aquele aluno não se encaixa no padrão escolar. Outra questão muito velada ainda na escola é a aceitação a inclusão dos alunos com necessidades especiais, pois professores da rede não recebem nem um tipo de capacitação na prática que oriente para trabalhar com alunos surdos mudos, cegos e outras tantas habilidades. O que recebemos de orientação é uma gota em meio ao mar de dúvidas pelas quais passamos nesta área. Em contra partida o aluno que deveria ser incluso na verdade sofre por exclusão, pois o professor precisa dar conta de quase trinta alunos e mais aqueles que estão para serem inclusos. Cito um caso recente onde o aluno de 12 anos com transtorno opoissor já passou por três escolas diferentes ao longo de três anos, para cada escola aonde vai já é como se levasse com ele sua sentença “Violento”, não aprende e outros tantos “Em certa ocasião entrei na sala ele estava acuado em um canto da sala sendo intimidado pelos

colegas, pois havia agredido verbalmente a professora e os colegas revoltados pediam pra por ele pra fora, pois ele mesmo dizia eu sou doente professora". No intervalo o assunto no café da sala dos professores eram frequentemente sobre o menino onde as palavras irônicas desde criticas a seu físico, suas necessidades e sobre a família deste, mas nunca ouvi alguém dividir ideias positivas para o caso. Certa vez fui convidada a substituir a professora de artes por três meses. Cheguei a meio a preparações para um evento "Família na escola" Observando um menino cuja mãe era cega questionei a professora se no dia do evento havia sido preparada alguma atividade para incluir aquela mãe. A Professora regente me respondeu: Ela nem vem porque sabe que não temos nada para ela aqueu conhecia a história do menino, pois ele foi meu aluno em um projeto de contra turno e já sabia que ele carregava muitos traumas, pois seu pai faleceu caindo do telhado na frente do filho, e a mãe havia ficado cega na sua gestação. Desde então o menino passou a serem os olhos da mãe. Na escola era bastante agitado, agressivo e deixado de lado sempre. Depois da conversa com a professora resolvi realizar com ele uma atividade para levar para a mãe, recortamos um cartão em forma de coração escrito com cola em alto relevo: Mãe eu te amo do seu filho Luiz. Ele sentiu se muito importante, pois nunca ninguém tinha pensado em sua mãe antes. Neste dia lembrei-me de uma Frase que o professor Valdo falou em certa ocasião "Se formos sempre a favor do vento nunca aprenderemos as peripécias da vida, pois são os desafios que nos movem."

Muitos de nós professores acabamos desvalorizando a infância como se os pequenos já estivessem condenados por sua situação do momento, por suas famílias desestruturadas por morar na periferia como se todos estes fatores definissem seu futuro. Muitas vezes abrem mão do aluno antes mesmo de usar métodos diferentes para recuperá-los. Desmerecendo assim que o conhecimento precisa ser algo que aguce a fome do aprender.

Nós professores precisamos buscar conhecimento para que possamos inovar nos métodos de ensinar assim instigando no aluno o prazer de aprender. Nas aulas de professor Jacob falou sobre romper limites, creio que a ânsia por romper limites tem me motivado a estudar e buscar meios que não seja privilégio de alguns alunos mais sim da grande maioria em sala de aula.

Fico muito triste quando escuto de colegas de trabalho que aquele aluno não tem jeito... Eu sou a prova de que todos é uma joia que pode ser lapidada, pois fui uma criança que tinha todos os requisitos para ter dado errado. Pobre, órfã de pai aos três meses de vida, caçula de sete irmãos. Com sete anos de idade tive todas as informações negativas que uma criança em fase de formação de caráter poderia ter tido. Por inúmeras vezes assisti meu irmão mais velho fazer uso de cocaína com meu material escolar (caneta) e ter meu único caderno com folhas rasuradas para serem enrolados cigarros de maconha. Inúmeras vezes foram humilhadas na escola porque ao entregar-me caderno ele estava rasgado e ela nunca perguntou o por que. Sempre fui uma aluna abaixo da média, pois com fome ia pra escola, na mochila uma vasilha de margarina vazia, que voltava cheia de sobras do lanche para que eu pudesse jantar. Os finais de semana eram cruciais, pois sem escola, barriga vazia, as tias da cozinha foram de grande importância na formação do meu caráter, pois sempre me aconselhavam me inspiravam a ser uma pessoa boa. Neste meio tempo fui adotada por meus padrinhos que me resgataram da extrema pobreza fui morar com eles no norte do Paraná, foram os seis meses melhores da minha vida, fui criança ganhei presentes fui cuidada zelada e amada. Mas minha mãe me buscou, pois tinha medo de perder a pensão que recebia da morte de meu pai. Voltei deixando meus padrinhos aos prantos, do céu ao inferno vivi todos os sentimentos naquela viagem de volta pra casa de Chopinzinho a Guarapuava vivi um pesadelo, pois parecia já pressentir que o pior esperava por mim. Minha mãe havia levado para morar com ela um estranho, alcoólatra e violento. O qual marcou pra sempre em mim, feridas que demoraram muito para cicatrizar. Por ser órfã e baixa renda consegui uma vaga em um programa de assistência a crianças e adolescentes existente na cidade na época 1995, projeto FUBEM (fundação do bem estar do menor), onde inseriam menores ao trabalho, mas com obrigatoriedade presença na escola. Através da FUBEM trabalhei em uma Escola de Educação Infantil, onde aos 14 anos exercia a função de auxiliar de limpeza, era mês Julho de 1995 invernos rigoroso em Guarapuava onde as máximas são de 8 a 10 graus e a maioria das minhas colegas de sala de aula dormiam no aconchego de seus lares eu as sete; 30 da manhã com quatorze anos faxinava os banheiros da escola e lavava as paredes sem luvas com água congelante, enquanto faxinava ouvia as professoras contando histórias aos alunos e os ensinado o alfabeto, ali eu já me via

na sala de aula. Pois eu sabia que a atividade que eu exercício no momento não determinava o que eu queria ser. Mas infelizmente a realidade no meu lar era de fato bem pior que enfrentar o frio lavando paredes, pois quando chegava a casa depois de meio período de trabalho e de ter ido direto para a escola, talvez fosse o último lugar que eu quisesse de fato voltar. Lembro-me das minhas caminhadas de volta pra casa onde meus colegas saíam correndo na ânsia de chegar logo no lar, eu percorria o caminho mais longo para poder fugir nem que fosse por alguns minutos daquela realidade que teria que enfrentar. Por problemas de relacionamento de meu padrasto com minha mãe o cano de escape sempre era em mim jogavam toda a frustração de um casamento falido.

Sofri todo tipo de agressão daquele homem, físicas e verbais e antes que as sexuais acontecessem, pois em certa ocasião ele me espiou pela janela do banheiro, gritei para minha mãe, ele negou, me bateu e minha mãe não acreditou em mim, Fuji de casa com o primeiro namorado, creio que sempre procurei um meio de me refazer de apagar aquele passado o qual nunca me senti parte. Fui mãe aos meus 17 anos, sem ter tido orientação para ser mulher me tornei mãe, esposa e assumi sobre os ombros um rótulo que não havia sonhado “DO LAR”, mas achei que não haveria tempo de ser eu... Até que anos depois voltei a estudar no EJA e o conhecimento verdadeiramente me libertou, sem nunca ter feito cursinho nem concurso passei no.

20

Primeiro vestibular em 12º ali eu descobri que aquela menina, rejeitada, excluída na escola, rotulada, tinha jeito sim. Conclui pedagogia, passei em concurso publico.

E hoje luto pelos direitos de meus alunos não serem rotulados e excluídos. Pois eu acredito na recuperação de uma pessoa.

9 – CONCLUSÃO

O término deste trabalho possibilitou compreender as interações entre professores e alunos tais como as dificuldades enfrentadas por o professor , o modo de como são construída as relações sociais desde o nascimento até o período escolar de uma criança e de como a afetividade entre professores e funcionários de escolas influenciam na aprendizagem do aluno.

Considerando a importância do meio social para a formação integral do aluno, foi possível constatar que professores estão cientes que o papel do adulto é o de servir como mediador entre a criança e o mundo, mas muitas das vezes não se sentem capacitados para este papel. Devido à carência de ofertas de capacitações sofridas pelos docentes.

Pois uma concepção moderna da tarefa do professor requer um exercício profissional competente que inclui autonomia, capacidade de decisão e criatividade. E para uma educação de qualidade a capacitação se faz de suma importância.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner Breno de. **Quilombolas e novas etnias**. Manaus, UEA Edições, 2011.

CONNEL, R.W. Pobreza e Educação. In Gentili, P. **Pedagogia da exclusão: Neoliberalismo e a crise da escola pública**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

CORTELLA, Mario Sergio. **Educação, Infância e Consumo**: palestra realizada no Fórum Internacional Criança e Consumo. 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=G_g36utXH0U>. Acesso em: 10 out. 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

MENESES, Silviane de Souza

PIARGET, Jean. **Para Onde Vai a Educação**. Rio de Janeiro: UNESCO, 1975. 79 f. 59 v. Disponível em: <file:///D:/Downloads/Para onde vai a educação - Jean Piaget (saneado).pdf>. Acesso em: 15 set. 2017.

PORANGABA, Fábio Araújo

PORANGABA, Sandra de Souza Menezes

VIGOTSKI, L.S. **Psicologia pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2003.